 Tempo de leitura: 10 min.

(continuação do artigo anterior)

Capítulo XIII. Instituição da festa de Maria Auxiliadora dos Cristãos.

O modo maravilhoso com que Pio VII foi libertado de sua prisão é o grande evento que deu ocasião à instituição da festa de Maria Auxiliadora dos Cristãos.

O imperador Napoleão I já havia oprimido de várias maneiras o Sumo Pontífice, despojando-o de seus bens, dispersando cardeais, bispos, sacerdotes e frades, e também privando-os de seus bens. Depois disso, Napoleão exigiu do papa coisas que ele não podia conceder. Diante da recusa de Pio VII, o imperador respondeu com violência e sacrilégio. O papa foi preso em seu próprio palácio e, junto com o cardeal Pacca, seu secretário, foi levado em uma viagem forçada para Savona, onde o perseguido, mas ainda glorioso pontífice, passou mais de cinco anos em severa prisão. Mas como onde há um papa, há o chefe da religião e, portanto, a afluência de todos os verdadeiros católicos, Savona se tornou, de certa forma, outra Roma. Tantas demonstrações de afeto causaram inveja ao imperador, que queria que o Vigário de Jesus Cristo fosse humilhado; por isso, ele ordenou que o Pontífice fosse transferido para Fontainebleau, que é um castelo não muito longe de Paris.

Enquanto o Chefe da Igreja gemia como um prisioneiro separado de seus conselheiros e amigos, tudo o que os cristãos podiam fazer era imitar os fiéis da Igreja primitiva, quando São Pedro estava na prisão: orar. O venerável Pontífice rezou e, com ele, todos os católicos rezaram, implorando a ajuda Daquela que é chamada: *Magnum in Ecclesia praesidium*: Grande Proteção na Igreja. Acredita-se que o pontífice prometeu à Santíssima Virgem estabelecer uma festa para honrar o augusto título de Maria Auxiliadora, caso ele pudesse retornar ao trono papal em Roma. Enquanto isso, tudo sorria para o terrível conquistador. Depois de fazer seu temido nome ressoar por todo o país, caminhando de vitória em vitória, ele levou suas armas para as regiões mais frias da Rússia, acreditando que lá encontraria novos triunfos; mas a Providência divina, em vez disso, preparou-lhe desastres e derrotas.

Maria, comovida pelos gemidos do Vigário de Jesus Cristo e pelas orações de seus filhos, mudou o destino da Europa e do mundo inteiro em um instante.

O rigor do inverno na Rússia e a deslealdade de muitos generais franceses acabaram com todas as esperanças de Napoleão. A maior parte daquele formidável exército morreu congelada ou enterrada na neve. As poucas tropas poupadas dos

rigores do frio abandonaram o imperador e ele teve que fugir, retirar-se para Paris e entregar-se nas mãos dos britânicos, que o levaram prisioneiro para a ilha de Elba. Então a justiça pôde seguir seu curso novamente; o pontífice foi rapidamente libertado; Roma o recebeu com o maior entusiasmo, e o chefe da cristandade, agora livre e independente, pôde retomar a administração da Igreja universal. Tendo sido libertado dessa maneira, Pio VII quis imediatamente dar um sinal público de gratidão à Santíssima Virgem, por cuja intercessão o mundo inteiro reconheceu sua inesperada liberdade. Acompanhado por alguns cardeais, foi a Savona, onde coroou a prodigiosa imagem da Misericórdia, venerada naquela cidade; e com uma multidão sem precedentes, na presença do rei Vítor Emanuel I e de outros príncipes, foi realizada a majestosa cerimônia em que o Papa colocou uma coroa de pedras preciosas e diamantes na cabeça da venerável efígie de Maria.

Retornando então a Roma, ele desejou cumprir a segunda parte de sua promessa, instituindo uma festa especial na Igreja, para atestar à posteridade esse grande prodígio.

Considerando, então, como em todos os tempos a Santíssima Virgem sempre foi proclamada o auxílio dos cristãos, ele se baseou no que São Pio V havia feito após a vitória da Igreja. Pio V fez isso após a vitória de Lepanto, ordenando que fossem inseridas na Ladainha Lauretana as palavras: *Auxilium Christianorum ora pro nobis*, explicando e ampliando cada vez mais o que o papa Inocêncio XI havia decretado quando instituiu a festa do nome de Maria. Para comemorar perpetuamente a prodigiosa libertação de si mesmo, dos cardeais, dos bispos e a liberdade restaurada à Igreja, e para que houvesse um monumento perpétuo para isso entre todos os povos cristãos, Pio VII instituiu a festa de *Maria Auxilium Christianorum* a ser celebrada todos os anos em 24 de maio. Esse dia foi escolhido porque foi nesse dia, no ano de 1814, que ele foi libertado e pôde retornar a Roma sob os mais vivos aplausos dos romanos. (Aqueles que desejarem saber mais sobre o que expusemos brevemente aqui podem consultar Artaud: Vita di Pio VII. Artigo de Moroni sobre Pio VII. P. Carini: Il sabato santificato. Carlo Ferreri: Corona di fiori etc. *Discursus praedicabiles super litanias Lauretanas* do P. José Miecoviense). Enquanto viveu, o glorioso pontífice Pio VII promoveu o culto a Maria; aprovou associações e confrarias dedicadas a ela e concedeu muitas indulgências a práticas piedosas feitas em sua honra. Um único fato é suficiente para demonstrar a grande veneração desse pontífice por Maria Auxiliadora.

No ano de 1817, foi concluída uma pintura que deveria ser colocada em Roma, na igreja de Santa Maria em Monticelli, dirigida pelos Padres da Doutrina Cristã. Em 11 de maio, essa pintura foi levada ao Pontífice no Vaticano para que ele a abençoasse e lhe impusesse um título. Assim que viu a imagem devota, ele sentiu

uma emoção tão grande em seu coração que, sem qualquer prevenção, irrompeu instantaneamente na magnífica proclamação: *Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis*. Essas vozes do Santo Padre ecoaram nos devotos Filhos de Maria e, na primeira revelação da imagem (15 do mesmo mês), houve um verdadeiro arrebatamento de pessoas, alegria e devoção. As ofertas, os votos e as orações fervorosas continuaram até os dias de hoje. Assim, pode-se dizer que essa imagem está continuamente rodeada de devotos que pedem e obtêm graças por intercessão de Maria Auxiliadora dos Cristãos.

Capítulo XIV. O achado da imagem de Maria Auxilium Christianorum de Espoleto.

Ao narrar a história da descoberta da prodigiosa imagem de *Maria Auxilium Christianorum* nas proximidades de Espoleto, transcrevemos literalmente o relato feito por Dom Arnaldi, Arcebispo daquela cidade.

Na Paróquia de São Lucas, entre Castelrinaldi e Montefalco, Arquidiocese de Espoleto, em campo aberto, longe da cidade e fora da estrada, existia no cume de uma pequena colina uma antiga imagem da Bem-aventurada Virgem Maria, pintada em afresco em um nicho, na atitude de abraçar o Menino Jesus. Ao lado dela, quatro imagens representando São Bartolomeu, São Sebastião, São Brás e São Roque parecem ter sido alteradas pelo tempo. Expostas às intempéries por muito tempo, elas não só perderam sua vivacidade, como também desapareceram quase completamente. Somente a venerável imagem de Maria e do Menino Jesus foi bem preservada. Ainda há um resquício de uma parede que mostra que ali existiu uma igreja. Pelo que se sabe, esse lugar foi totalmente esquecido e reduzido a um covil de répteis, especialmente de cobras.

Já há vários meses, essa venerável imagem havia, de alguma forma, despertado seu culto *por meio de uma voz ouvida repetidamente por um menino de menos de cinco anos, chamado Henrique*, chamando-o pelo nome e aparecendo-lhe de uma maneira não muito bem expressa pelo próprio menino. No entanto, isso não atraiu a atenção do público até 19 de março de 1862.

Um jovem camponês da região, com trinta anos de idade, foi sucessivamente atingido por muitas doenças que se tornaram crônicas; abandonado por seus médicos, sentiu-se inspirado a ir venerar a imagem acima mencionada. Ele declarou que, depois de se encomendar à Santíssima Virgem no referido lugar, sentiu a restauração de sua força perdida e, em poucos dias, sem o uso de nenhum remédio natural, voltou a ter saúde perfeita. Da mesma forma,

outras pessoas, sem saber como ou por que, sentiram um impulso natural para ir venerar essa imagem sagrada e relataram ter recebido graças dela. Esses eventos trouxeram de volta à memória e à discussão entre o povo de Terrazzana a voz adormecida da criança mencionada acima, à qual naturalmente não foi dado crédito e importância, como deveria ter sido. Foi então que se soube como a mãe da criança a havia perdido nas circunstâncias da suposta aparição e não conseguia encontrá-la, e finalmente a encontrou perto de uma igrejinha alta e em ruínas. Sabe-se também que uma mulher de vida santa, provada por Deus com graves aflições, anunciou em sua morte, há um ano, que a Santíssima Virgem queria ser cultuada e venerada ali, que um templo seria construído e que os fiéis se reuniriam ali em grande número.

De fato, é verdade que um grande número de pessoas, não só da Diocese, mas também das dioceses vizinhas de Todi, Perúgia, Fuligno, Nocera, Narni, Norcia etc., afluíram ao local, e o número cresce dia após dia, especialmente nos dias de festa, para cinco ou seis mil. Esse é o maior milagre que foi realmente relatado, pois não é visto em outras descobertas prodigiosas.

A grande multidão de fiéis que afluem de todos os lados como se fossem guiados por uma luz e uma força celestial, uma multidão espontânea, uma multidão inexplicável e inexprimível, é o milagre dos milagres. Os próprios inimigos da Igreja, mesmo aqueles que são claudicantes em sua fé, são forçados a confessar que não podem explicar esse sagrado entusiasmo do povo… Muitos são os enfermos que se conta terem sido curados; não poucas são as graças prodigiosas e singulares concedidas; e, embora seja necessário proceder com a máxima cautela para discernir rumores e fatos, parece indubitavelmente verdadeiro que uma mulher leiga estava afligida por uma doença mortal e foi curada ao invocar essa imagem sagrada. Um jovem da Vila de São Tiago, que teve seus pés estraçalhados pelas rodas de uma carroça e forçado a equilibrar-se com muletas, visitou a imagem sagrada e sentiu uma melhora tão grande que jogou fora suas muletas e pôde voltar para casa sem elas, e está perfeitamente são. Outras curas também ocorreram.

Não se deve esquecer que alguns descrentes, depois de visitarem a imagem sagrada e zombarem dela, foram ao local e, contra toda a sua vontade, sentiram a necessidade de se ajoelhar e orar, e voltaram com sentimentos completamente diferentes, falando publicamente das maravilhas de Maria. A mudança produzida nessas pessoas corruptas de mente e coração causou uma impressão sagrada na população. (Até aqui, o Arcebispo Dom Arnaldi).

Esse Arcebispo quis ir pessoalmente com vários membros do clero e seu vigário ao local da imagem para verificar a veracidade dos fatos, e encontrou

milhares de devotos lá. Ele ordenou a restauração da efígie, que estava um tanto danificada em várias partes, e, tendo já coletado a soma de seiscentos escudos em oblações piedosas, encomendou a artistas habilidosos o projeto de um templo, insistindo para que as fundações fossem lançadas com a máxima solicitude.

Para promover a glória de Maria e a devoção dos fiéis a tão grande Mãe, ele ordenou que o nicho onde a imagem taumaturga é venerada fosse temporariamente, mas decentemente, coberto, e que um altar fosse erguido ali para celebrar a Santa Missa.

Essas disposições foram de indescritível consolo para os fiéis e, a partir de então, o número de pessoas de todas as classes sociais aumentou diariamente.

A imagem devota não tinha título próprio, e o piedoso arcebispo julgou que deveria ser venerada sob o nome de *Auxilium Christianorum*, como parecia mais adequado à atitude que apresentava. Ele também determinou que sempre houvesse um sacerdote para cuidado do Santuário ou, pelo menos, algum leigo de reconhecida probidade.

O relatório desse prelado termina com um relato de um novo traço da bondade de Maria, manifestado mediante a invocação posta aos pés dessa imagem.

“Uma jovem de Acquaviva era aspirante no Mosteiro de Santa Maria da Estrela, onde deveria vestir o hábito de irmã leiga. Uma doença reumática geral a invadiu, de modo que, com todos os membros paralisados, ela foi obrigada a voltar para sua família.

“Apesar de todos os remédios tentados por seus solícitos pais, ela nunca pôde ser curada; e quatro anos haviam se passado desde que ela estava deitada na cama, vítima de doença crônica. Ao ouvir as graças dessa efígie taumatúrgica, ela desejou ser levada até lá em uma carruagem e, assim que se viu diante da venerável imagem, experimentou uma melhora notável. Diz-se que outras graças singulares foram obtidas por pessoas de Fuligno.

“A devoção a Maria está sempre crescendo de uma forma que consola muito o meu coração. Bendito seja sempre Deus que, em sua misericórdia, se dignou reavivar a fé em toda a Úmbria com a prodigiosa manifestação de sua grande Mãe Maria. Bendita seja a Santíssima Virgem que, com essa manifestação, se dignou assinalar preferencialmente a Arquidiocese de Espoleto.

“Benditos sejam Jesus e Maria que, com essa manifestação misericordiosa, abrem os corações dos católicos a uma esperança mais viva.

Espoleto, 17 de maio de 1862”.

† JOÃO BATISTA ARNALDI.

Assim, a venerável imagem de Maria Auxiliadora, perto de Espoleto, pintada em 1570, que permaneceu quase três séculos sem honras, alcançou a mais alta glória em nossos dias por causa das graças que a Rainha do Céu concede a seus devotos naquele lugar: e aquele humilde lugar se tornou um verdadeiro santuário, para onde afluem pessoas de todo o mundo. Os devotos e beneficiados filhos de Maria deram sinais de gratidão com oblações notáveis, por meio das quais puderam ser lançados os alicerces de um templo majestoso, que em breve alcançará a conclusão desejada.

(continua)